

EGON SCHADEN



LEITURAS DE  
**ETNOLOGIA**  
**BRASILEIRA**

## CULTURA COMO SISTEMA PSICO-HIGIÊNICO

HANS DIETSCHY(\*)

Quando, em 1930, Sigmund Freud publicou seu célebre estudo, estava ele sob a impressão predominante do mal-estar causado pela "cultura". Apesar de reconhecer o que há de inevitável nas disposições, regras e instituições e de apreciar seu lado benéfico, não teria provavelmente sentido inclinação para escrever sobre o "bem-estar na cultura". Previu a possibilidade de escrever uma patologia das diferentes comunidades culturais, de fazer o diagnóstico da "neurose" ligada a toda cultura e a única dificuldade que, para ele, existia nessa empresa era o fato de que o indivíduo neurótico se destaca de sua cultura, causadora de seu mal-estar, ao passo que toda uma comunidade cultural "neurótica" carece de tal pano de fundo.

O estímulo oferecido por Freud foi aceito pelos etnólogos, em particular os norte-americanos. O famoso livro *Patterns of Culture*, de Ruth Benedict, equivale a tal patologia. Lamentavelmente, na versão alemã, por um lapso de tradução, os moldes básicos da caracterização pela cultura, dos quais fala Benedict, passaram a ser "formas primitivas". É verdade que Ruth Benedict não foi cautelosa com sua primeira formulação; de então para cá, porém, o princípio se aprimorou progressivamente pela linha de estudos conhecida como "cultura e personalidade". Não quis ela, porém, remontar até os começos que, de qualquer forma, não teriam deixado de ser hipotéticos. Já com essa autora e, mais tarde, em definitivo, com Kardiner e Linton, a mera patologia das comunidades culturais, como indubi-

(\*) Hans DIETSCHY, "Kultur als psychohygienisches System (Eine Notiz von den Karajá-Indianern)", in Walter BETTSCHART, Heinrich MENG, Erich STERN (orgs.), *Seelische Gesundheit*, Basileia, 1959, p. 272-279. Tradução de Trude von Laschan Solstein. Reproduzido com autorização do autor.

tavelmente a concebera Freud, se transformou em algo diferente, em certo sentido mais otimista. Numa simplificação um tanto grosseira, poderia dizer-se, para explicar que, se toda uma comunidade cultural é “neurótica”, aos olhos, por assim dizer, de um observador que esteja na Lua, então o indivíduo como tal não pode nela sentir nenhum mal-estar, já não se desvia, está adaptado à neurose e nela se instalou (a não ser que seja portador de outro tipo de neurose). E com isto as culturas se tornam sistemas psico-higiênicos.

Segundo Kardiner e Linton, é a “personalidade básica” que cria o seu próprio sistema saudável. Bebês criados da mesma maneira desenvolvem traços característicos em comum, justamente a “personalidade básica” de determinada comunidade cultural. As convenções do tratamento infantil constituem, pois, a cultura “primária”. Os que são por ela moldados, dobrados ou estendidos, de qualquer forma “neuróticos”, criam para si mesmos as disposições, instituições e regras secundárias, correspondentes, de maneira atenuante, ao caráter primário. É este, mais ou menos, o esquema. Não cabem nestas poucas páginas considerações sobre as dificuldades inerentes a esse modelo de pensamento que, afinal, não deixa de ser dinâmico. O título deste trabalho encerra, pois, uma promessa que não pode ser cumprida. Posto o problema, o que pretendo fazer é isto: apresentar dados e comentá-los de forma precária — uns poucos dados apenas, que poderiam dar o que pensar ao especialista em psico-higiene.

O material foi colhido durante uma estada com os índios Karajá no Brasil central, entre os quais estive, em companhia de minha esposa, na estação das chuvas de 1954-55, graças ao auxílio concedido pelo Fundo Nacional Suíço para a Promoção da Pesquisa Científica. Escrevo como etnólogo, por isto deverão ficar em aberto as questões que dizem respeito a psicólogos e médicos. Eu poderia começar por um assunto qualquer, por exemplo a *couvade* (Dietschy, 1956), a iniciação, os costumes de casamento e fúnebres, os mitos dos tempos primitivos ou a estrutura social, que reúne traços matrilineares a patrilineares (cf. Dietschy, 1959). Prefiro focalizar a dança, da qual já tratei uma vez, em perspectiva diferente (cf. Dietschy, 1958).

Gostaria de começar com observações “clínicas” de terceiros. Em 1910, o etnólogo Fritz Krause verificou, na época da seca, entre os Karajá no rio Araguaia, que são aparentemente raros os casos de “doenças mentais” (o grifo é meu, também daqui em diante). Observou um rapaz “epiléptico”, de olhar esquisito e movimentos pesados. Dele se afirmava que todos os meses ele batia com as pernas e os braços, correndo de um lado para outro, com os olhos fechados. Na presença de Krause, sem motivo aparente, o agarraram de súbito e o jogaram ao chão; daí a pouco o soltaram, mas o mantiveram constantemente sob controle. Na opinião dos índios, essa “doença men-

tal" se localiza na coluna vertebral; chamam-na *idjödé*. À "loucura furiosa" incurável dão outro nome: *ähähä* (cf. Krause, 1911, p. 338).

Em 1945, o médico Brito Machado, por sua vez, observou entre os Karajá a ocorrência de distúrbios mentais, cuja etiologia tinha por duvidosa (pensou em sífilis). Informa ter encontrado vários casos de disfrenia, e que em todo caso, o "médico" Kurialá, de Santa Isabel, sofria de perturbação psíquica com delírio (cf. Machado, 1947, p. 29). Por ocasião de nossa visita, Kurialá, apesar de cego, era não só um dos curadores, mas também sacerdote da aldeia. Também os companheiros de aldeia o consideravam bobo ("ele é bobo"; em língua karajá: *i-nābóre*) e às vezes riam-se dele, a que ele respondia também com uma risada forte, infantil. Mas absolutamente não era débil mental!

Em 1950, outro médico, o Dr. Oliveira, então acompanhante do etnólogo Herbert Baldus, examinou o estado de saúde dos Karajá (cf. Oliveira, 1952, p. 499s., 503, 504). Também ele se refere a moléstias nervosas. No dia 27 de outubro, presenciou em Santa Isabel uma crise psíquica, à qual os índios deram o nome *itianté* e que, em sua opinião, era de natureza "histérica" (o grifo é de Oliveira). Maloaré, que também nós conhecemos bem e que na época de nossa viagem era tido como de idade talvez pouco acima de vinte anos, foi acometido por "espíritos", de noite, durante a dança de máscaras. Não podia parar de dançar e uivava a noite toda como cachorro. Na manhã seguinte, o Dr. Oliveira encontrou-o ainda dançando. De olhos fechados, um ramo verde em cada mão, volteava lentamente em torno dos arbustos e das árvores nas imediações da aldeia, cercado de acompanhantes, entre eles Maloá, seu pai. Aos poucos, estes o foram conduzindo para dentro da aldeia. Os habitantes, muito agitados, estavam diante de suas casas, assistindo a tudo. Pelas onze horas, enfim, ele caiu exausto junto à entrada de sua casa. Um dos acompanhantes aplicou-lhe logo uma ducha de boca na cabeça. Ele se levantou, tentou debilmente livrar-se dos que o cercavam, mas foi levado para dentro da casa. Lá tornou a cair e dormiu até anoitecer. Na manhã seguinte, estava completamente curado.

Cumprе acrescentar a essa descrição extraordinariamente expressiva que, ao ser acometido pela crise, Maloaré por certo já não usava máscara. Aliás, vários gritos de dança soam como "latidos". O Dr. Oliveira soubera que, por sua vez, a jovem Atahiru, mais ou menos da mesma idade, que conhecemos, posteriormente, como esposa de Kurichiri, sofria quase todos os meses crises semelhantes. Nela, porém, se manifestavam de maneira diferente: horas a fio ela nadava rio acima e abaixo, com gritos absurdos e gargalhadas sem motivo. O médico não assistiu pessoalmente a tal

crise. Pensou em possível relação com a menstruação. Também aqui cabe um comentário: as mulheres não dançam propriamente, por isso a dança não podia ser para Atahiru nem motivo, nem possibilidade de expressão.

Em 1954-55, também nós testemunhamos em Santa Isabel ataques "histéricos". A então enfermeira do Serviço Nacional de Proteção aos Índios, D<sup>a</sup>. Hetty Brendel — agora Sr<sup>a</sup>. Winkler, no Rio de Janeiro — que, quando lá chegamos, ainda prestava serviços no posto, bem conhecia essas crises. Foi ela que primeiro chamou a nossa atenção para o fenômeno e, certamente, poderia fornecer muitos dados a respeito. A ela como a nós foi indicado o termo *idjanté*, já conhecido do leitor. Os ataques pertencem, pois de certo modo, ao acervo cultural; estão categorizados e são a tal ponto conhecidos de todos que as crianças brincam de *idjanté*, executando a "pirueta" lenta, com os braços estendidos para os lados, descrita pelo Dr. Oliveira. Isto não quer dizer que as crises sejam norma cultural, algo de obrigatório. De qualquer modo, jamais deixam de causar alvoroço. De forma semelhante, em nosso meio, as crianças já não brincam apenas de "família", mas de "divórcio"... Aliás, as crianças karajá também imitam as danças cerimoniais dos adultos.

Já em 16 de setembro, uma semana após a nossa chegada, testemunhamos, pela primeira vez, crises de *idjanté*, menos espetaculares. Tratava-se de Atahiru, já mencionada, e de seu esposo, Kurichiri, no qual, é verdade, talvez influa o fato de ele, quando menino, haver levado na cabeça violento golpe de borduna por ocasião de um assalto dos Xavante, o que o deixou algo desequilibrado; bem como de Tubirú, esposa de Assaria e de Hatamaru, mulher secundária do "capitão" Wataú, e, ainda, de Maidjaverú (Teresa), casada pela terceira vez, mas que, acessível também a outros homens, era *idjoe-deraná* (ou *wadäná*). Os acometidos pela crise rolavam pelo chão, de noite ou de dia, gemiam e lançavam gritos.

E em 5 de outubro assistimos a um espetáculo que ficará bem gravado em nossa memória. Soubemos dos antecedentes por Dona Hetty. Sarikina, casado em levirato com a jovem Didjuké — esta, após a morte do marido, como mais tarde nos contou a mãe, hesitara bastante antes de aceitar como segundo esposo, na qualidade de irmão do pai de seu filhinho, ao jovem que mal tinha vinte anos de idade — não era aceito pela mulher para o exercício de seus direitos conjugais, por ela estar doente (das glândulas ingüinais). Ele bateu nela; em revide, a sogra, Renaki, em cuja casa o casal morava, segundo o costume karajá, bateu no genro. O órfão de mãe retirou-se então para a casa do pai, Lahuri-bädú, não mais aparecendo. Lá, sua prima, Noidjakí, filha da irmã do pai, igualmente falecida, começou o usual duelo de palavras com Renaki.

De noite, ao luar, à beira do barranco do rio, os jovens dançavam diante das cabanas diversas danças que diziam ser de seus vizinhos, os Tapirapé. De permeio, se ouviam os lamentos de Renaki sobre os maus tratos sofridos pela filha. De repente, houve um grande rebuliço: dançarinos e espectadores corriam para todos os lados, pois inopinadamente Sarikina, que por certo não mais suportava o isolamento auto-imposto na casa do pai, pelo qual estava impedido de entrar nas danças, jogou-se ao rio, do alto do barranco. Com movimentos rápidos nadava rio acima e rio abaixo. Parentes foram em seu encalço, a nado e de canoa. Depressa ele saiu do rio para, novamente, nele se jogar, depois de quase o pegarem. Enfim, os perseguidores conseguiram pegá-lo e, apesar de ele se debater com violência, o levaram para diante de sua casa, onde o colocaram na esteira de dormir e o apertaram contra o solo, até que se acalmou. O curador Wataú (o chamado de “pequeno” Wataú) ficou de cócoras ao seu lado, soprando nas mãos, que lhe passava pelas costas e pela nuca. O irmão do paciente, Wouriá, amarrou-lhe tiras de folha de palmeira na cabeça e abaixo dos joelhos.

Mais tarde, em 27 de janeiro, Maloá, o velho sacerdote e cacique da aldeia, nos explicaria que numa crise de *idjanté* o *hurí* (*u*, velar) abandona o corpo. Mas é preciso dizer que o *hurí* é a “alma” ornitomorfa dos curadores, muito dada a viajar, de modo que a explicação talvez seja válida somente para estes, pois afirma-se que a “alma” dos mortais comuns (*wouresã*) não pode separar-se do indivíduo vivo; é verdade que eram bastante contraditórias as informações que recebi. Aliás, Maloá mencionou como remédio uma planta silvestre (*raburabú*). É quanto cabe dizer sobre as representações dos Karajá.

Entrementes, recomeçou o duelo de palavras. Noidjakí acusou Renaki de estar matando Sarikina. (De fato, após o incidente, Renaki colocou às escondidas um pacote de magia negra sob a cobertura de palmeira da casa de Lahuri-bädú, para então, com ar de inocente, perguntar-nos se era verdade que Sarikina adoecera...) Aos poucos, o doente se acalmou, e deixaram-no entrar na casa; daí a dois dias, em 7 de outubro, Didjuké sozinha, apenas com o filhinho de três anos, Täwassuré, desceu o rio numa canoa, para ficar com parentes. Falava-se em divórcio, embora se dissesse, ao mesmo tempo, não haver divórcio no matrimônio de levirato. Em 12 de outubro, a jovem esposa já estava de volta. Sarikina continuou na “casa da mãe”. Em 15 de outubro, porém, regressara ao lar e os cônjuges pareciam haver tornado a viver em perfeita harmonia.

Os duelos de palavras, em voz alta, entre mulheres, são características da vida de uma aldeia karajá. É nada raro as mulheres entrarem também nas brigas dos parentes masculinos, e não só nas de ordem pessoal. Em todo caso, discutem então com grande veemência,

geralmente cada uma em pé ou sentada em sua cabana. Se a adversária mora muito longe na fila de casas, escolhe-se uma casa mais próxima. Uma das queixosas apresenta seu caso em fala não raro ritmicamente escandida, talvez batendo as mãos com certos intervalos, até precisar de uma pausa para tomar fôlego. Neste momento a outra entra com suas queixas e acusações. Os habitantes da aldeia ficam escutando e se divertem. Se as contendoras se alteram demais, acontece que avançam uma contra a outra, agarrando-se pelos cabelos e puxando com força. Aliás, o ato de puxar os cabelos (*riruhārāri*) faz parte da cerimônia de divórcio entre marido e mulher e ocorre também em outras brigas conjugais. Em 6 de outubro, em consequência de um duelo de palavras, Tjukodessá, esposa de Assimani, que era paralítico, quase cumpriu a ameaça de pôr fogo na aldeia toda; incendiou sua cabana e a custo pôde ser acalmada.

Após esta observação sobre a “canalização” da agressividade, voltamos ao assunto da crise de *idjanté*. Além dos ataques convulsivos caseiros, vimos aqui duas formas mais propriamente “públicas”, a saber, a “pirueta” e a ânsia de nadar. Ora, na estação das chuvas, os jovens executam quase diariamente as suas duas formas de danças, a saber, com máscaras e com adornos de plumas. Pode dizer-se que para os homens a dança — danças com passos ora mais, ora menos rápidos, com atitudes e movimentos do tronco diversos — constitui o principal meio de expressão, que lhes permite, inclusive, vencer dificuldades íntimas. Por outro lado, quem tenha tido ocasião de observar as moças e mulheres na modelagem de suas bonecas de barro, de muita procura no comércio de arte, não pode ter deixado de perceber que nessa tarefa diária elas não pensam apenas no ganho, mas a ela se dedicam de corpo e alma. O que quer que as mova interiormente, tem possibilidade de vazamento no trabalho de amassar e moldar o barro, já que para elas não há o recurso à dança. Outrossim, nadar no rio é necessidade diária para os indivíduos de ambos os sexos, de todas as idades.

Se, pois, as mulheres, na ânsia de movimento, se entregam à crise de *idjanté*, o mais natural para elas é nadar. Optando por esta possibilidade, Sarikina o fez sem dúvida porque o isolamento, a que ele próprio se confinara, o excluía da dança dos companheiros, não podendo, pois, como Maloaré, evoluir da dança para a “pirueta”. Aliás, o lento volteio sobre ambos os pés, a que chamei de “pirueta” (melhor seria: *tours chaînés*), não faz parte das formas cerimoniais da dança, quanto pude observar, mas constitui requisito especial do *idjanté*. O mesmo vale para o impulso irresistível de nadar rio acima e abaixo.

O que reputo importante é isto: as duas formas de movimento da crise de *idjanté*, a que chamei “públicas”, por delas participar a

aldeia toda, pelo menos como espectadores, se prendem a atividades comuns da vida cotidiana que, por sua vez, têm caráter fortemente (embora não apenas) lúdico, “recreativo”. Também elas agem, por assim dizer, como “catarse”. Sobre a natureza dos conflitos interiores, que para os Karajá constituem sempre a regra, como decorrência da vida comunal, pertencendo, pois, à sua “personalidade básica”, só nos cabe dar aqui, para concluir, uma rápida indicação. O comportamento mais reservado, quase tímido, do homem, principalmente quando jovem — em comparação com o das mulheres —, que faz parte das boas maneiras; uma certa hesitação em contrair matrimônio, que, não raro, leva a moça a dar o primeiro passo; a fuga do noivo (não da noiva) após a cerimônia do casamento; o “ideal de solteiro”, já relatado por Krause; e a correspondente linguagem dos mitos de tempos primitivos (cf. Baldus, 1958, p. 61-64, e Koch-Grünberg, 1921, p. 198-199), em que se fala de amazonas (como diríamos nós, os ocidentais), da ignorância do ato sexual, da *vagina dentata*, até *expressis verbis* de frustrações do sexo e, ainda, a confirmação pelo teste cromático de Lüscher (cf. H. e N. Dietschy, 1958) — tudo isto indica que o homem tende para um tipo de personalidade que se poderia descrever como a do *puer aeternus*, do eterno filhinho da mamãe. Isto afinal não surpreende muito, quando se conhece o papel da mãe e da sogra na vida doméstica dos Karajá. O comportamento feminino é complementar, como é de esperar, e tanto o homem quanto a mulher devem ajustar-se ao desnível.

Por fim, talvez seja oportuna uma advertência. Neste trabalho não se elucidou a psicologia de todo e qualquer “direito materno”. Os Karajá vivem numa relação muito peculiar com o meio ambiente, com o mundo presente e passado, e é apenas neste contexto que o nosso ensaio tem a sua restrita justificação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDUS, H., (org.), *Die Jaguarzwillinge, Ursprungssagen und Märchen brasilianischer Indianer*, Kassel, 1958.
- DIETSCHY, H., “Geburtshütte und ‘Männerkindbett’ bei den Harajá”, *Verh. Naturf. Ges. Basel*, v. 67, Basiléia, 1956, p. 114-132.
- “Paartanz und Inzestverbot”, in: W. KILCHHERR e T. SCHMIDT (orgs.), *Hans Christoffel zum 70. Geburtstag*, Basiléia, 1958, p. 41-46.
- “Das Häuptlingswesen bei den Karajá”, in: *Amerikanistische Miscellen, Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg*, v. XXV, Hamburgo, 1959, p. 168-176.
- DIETSCHY, H. e N., “Farbwahl und Charakter von zentralbrasilianischen Indianern”, *Acta Tropica*, v. 15, Basiléia, 1958, p. 241-146.

- KOCH-GRÜNBERG, Th. (org.), *Indianermärchen aus Südamerika*, Jena, 1921.
- KRAUSE, F. *In den Wildnissen Brasiliens*, Leipzig, 1911.
- BRITO MACHADO, O. X. de, *Os Carajás*, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, publ. n. 104, Rio de Janeiro, 1947.
- OLIVEIRA, H. C. de, "O estado de saúde dos índios Karajá em 1950", *Revista do Museu Paulista*, n. s., v. VI, São Paulo, 1952, p. 489-508.